



Não sou um sonhador. Não no sentido convencional. Os meus sonhos são realizáveis, palpáveis no tempo. Não são idealizações românticas do impossível.

Homens feitos ajoelham-se e invocam os deuses por causa destes quarenta e oito minutos de basquetebol. Mas eu? Não atribuo nada ao destino nem confio no acaso. Acredito em trabalho árduo e compromisso. A minha vida segue um plano. As oportunidades surgem porque as conquistei com determinação.

Os meus colegas de equipa, por outro lado, alimentaram claramente ilusões sobre ganhar um campeonato se acham que podem iniciar a primeira semana de treinos na condição em que estão, ou seja, fora de forma.

— Dom, tens de sair desse bloqueio ao dobro da velocidade. Estás lento como tudo. O que andaste a fazer durante o verão?

— A viver a minha vida, Shay. Devias experimentar um dia destes.

O Dom Jackson, o nosso grandalhão, inclina-se com as mãos apoiadas nos joelhos, a tentar recuperar o fôlego, assim como todos os outros aos quais chamo colegas de equipa.

Limpo o suor da testa com a camisola de treino, enquanto um dos novatos me faz um passe na linha de três pontos.

— Vamos repetir.

— Ryan, o treino acabou há mais de uma hora. Alguns de nós têm mulheres e filhos que precisam de ver. — O Ethan Jeong, o nosso extremo veterano, está no canto do campo com as mãos nas ancas.

— Sim, e alguns de nós têm encontros com... — O Dom olha para um dos jovens jogadores na linha lateral. — Como se chamava? — pergunta baixinho. — Raquel! Alguns de nós têm encontros com mulheres lindas chamadas Raquel.

Observo-os, todos exaustos menos eu.

— Está bem — cedo. — Vamos terminar.

— Graças a Deus! — O Dom vira-se enquanto levanta as mãos e tira a camisola encharcada de suor. Os outros seguem apressados para o balneário.

— Ainda estamos na pré-época, Ryan. — O Ethan põe uma mão no meu ombro para me reconfortar. — Eles vão alinhar.

— Estou farto de perder. Nem conseguimos ganhar um jogo de pescagem para as eliminatórias. Passei o verão a treinar duas vezes por dia a fim de ficar em forma esta época. Os outros vão ter de atingir o meu nível.

— Eles nunca chegarão ao teu nível. É por isso que serás um dos grandes, mas, como novo capitão, tens de conquistar o respeito deles, e não falo apenas do que fazes em campo. — Ele afasta-se, seguindo o resto da equipa. — E não quero que te desgastes demasiado. Preciso que me carregues às costas e me dêes um título para poder reformar-me.

O Ethan esboça um sorriso antes de entrar nos balneários. É um homem íntegro. Pai de três filhos e veterano da NBA, liderou a equipa como capitão durante os últimos sete anos, até pedir para abdicar do cargo este ano a fim de ter um melhor equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal.

E, na semana passada, fui nomeado e sou agora o mais recente capitão dos Devils, a equipa de Chicago na NBA.

Sabia que este dia chegaria. Só não esperava que fosse aos vinte e sete anos, antes da minha quinta época na liga. Ainda tenho muito a aprender a este nível e, agora, sou responsável por liderar a equipa, dentro e fora do campo.

O diretor-geral dos Devils era contra a minha promoção, mas aqui as coisas não funcionam assim. O capitão é escolhido por votação da equipa e, na sequência do apoio unânime dos colegas, o título foi-me concedido.

Quero ser um bom líder, mas também respeitado por mais do que apenas a forma como jogo. Sou muito reconhecido pelo meu talento em toda a liga. Dediquei a vida à minha arte, sacrifiquei relações e grande parte da juventude por causa deste jogo, e isso é evidente.

Ano após ano, superei os meus recordes em direção à excelência, sem permitir que distrações se intrometam no caminho do que desejo — ser um dos melhores de sempre a praticar este desporto.

No entanto, tenho um legado imenso a honrar, considerando que jogo no mesmo campo que o do maior de sempre. Os estandartes de campeonatos que pendem do teto do United Center lembram-me a excelência que me precedeu, tal como as lacunas nos anos decorridos desde o último título me desafiam a conquistar o meu.

Quero que os meus colegas levem este jogo tão a sério como eu. Quero que vivam, comam e respirem basquetebol tal como faço se quisermos ter uma hipótese esta época. Mas como expressar isto sem soar como o base controlador por que sou conhecido? Agora, enquanto líder da equipa, tenho de descobrir uma forma de comunicar que ainda não consegui, visto que «ouçam, sou o melhor jogador com quem alguma vez partilharam um campo» não funciona bem quando se é o capitão.

Não sou particularmente próximo deles, à exceção do Ethan, pelo que a votação se revelou uma surpresa. O meu jogo sempre falou por mim, e tenho-me imposto em campo sem grandes resistências, mas agora há outro título para honrar e não sei bem como me adaptar.

— Casey! — Chamo um dos estagiários, que se apressa na minha direção. — É esse o teu nome, não é? Casey?

— Sim, Senhor Shay.

Reviro os olhos.

— Chama-me Ryan ou Shay ou qualquer coisa desde que não seja «Senhor Shay». Tens planos? Preciso de alguém para apanhar os ressaltos.

— Eu... bem, a minha mãe...

— Tens planos ou não?

— Não, nenhum. — Abana a cabeça freneticamente. — Posso apanhar os ressaltos para si, Senhor Shay. — Arregalo os olhos. — Ryan! Posso apanhar os ressaltos para ti, Ryan.

Dirige-se para o cesto com passos nervosos e posiciona-se debaixo dele, vestido com calções cargo caqui e um polo com o logótipo da equipa. Não aparenta ter mais de dezoito ou dezanove anos, mas o *staff* obriga-o a vestir-se como se tivesse mais de quarenta.

Posiciono-me na linha de lance livre, onde pretendo permanecer até acertar no mínimo cem lançamentos, mas ao atingir os setenta e seis, as portas do nosso treino privado abrem-se de repente.

— Ry! — chama a minha irmã. — O treino acabou há duas horas. Fui ao apartamento à tua procura.

— Olá, Vee!

O lançamento número setenta e sete mal toca na rede ao atravessar o cesto. O Casey apanha o ressalto e devolve-me a bola.

— Já treinaste de manhã. O que estás a fazer?

— A praticar os lances livres.

A minha irmã gémea está a poucos metros de mim, com uma mão na anca. Não olho diretamente para ela, mas, pelo canto do olho, vejo-a a abanar a cabeça, com o cabelo encaracolado a saltitar com o movimento.

— Como te chamas? — Ela dirige a atenção para o estagiário.

— Casey.

— Eu trato disto, Casey. — A Stevie interceta o seu passe e substitui-o.

O olhar nervoso do estagiário oscila entre mim e a minha irmã.

— Tens como ir para casa? Já é tarde. — A minha irmã é uma querida e, ao contrário de mim, percebe de imediato que o miúdo pode não ter como regressar a casa.

— Sim, a minha mãe está estacionada lá fora à minha espera.

— Ryan! — repreende-me a Stevie. — A mãe dele está à espera.

— Eu não sabia! — Levanto as mãos. — Desculpa, rapaz.

O Casey abana a cabeça.

— Foi uma honra, Senhor Shay.

Franzo os olhos na sua direção.

— Ryan, quero dizer. Foi uma honra, Ryan Shay. Sempre que precisares.

O Casey acena desajeitadamente antes de sair a correr.

A Stevie vira-se para mim, em pé debaixo do cesto:

— A mãe estava à espera — ri-se. — Não é adorável?

— Adorável — respondo num tom seco, a bater palmas e a pedir-lhe a bola, que está apoiada na sua anca.

— Quantos faltam? — Ela passa-me a bola, pondo-a de modo perfeito para o próximo lançamento.

Depois de vinte e sete anos juntos e de ter apanhado ressaltos meus um incontável número de vezes, a minha irmã sabe bem como fazer isto.

Acerto outro lançamento e digo-lhe:

— Vinte e dois.

Devolve-me a bola.

— O que se passa? Já te cansaste do Zanders? Vais voltar para casa?

— Ah, ah — responde num tom seco. — Nem pensar. Estou obcecada por aquele tipo.

Curvo os lábios num sorriso orgulhoso. O Evan Zanders, que eu considerava um verdadeiro inútil, revelou-se o oposto. Joga hóquei profissional em Chicago, e a minha irmã conheceu-o no ano passado, quando era assistente de bordo no avião da equipa dele. Mantiveram a relação em segredo até ao início do verão e os últimos quatro meses têm sido um espetáculo público de amor infundável.

A Stevie foi viver com ele, felizmente frente à minha casa, e por muito que adore ter razão, no que toca ao Zanders, estou feliz por me ter enganado. Ele faz a minha irmã brilhar como nunca vi, permitindo-lhe ser quem realmente é, confiante. É difícil detestar um tipo que é a melhor coisa que aconteceu à nossa pessoa favorita.

Na verdade, ele também se tornou um bom amigo para mim.

— Bem, diria que ele está igualmente obcecado por ti, se não mais.

A minha irmã pousa a bola na anca.

— Eu sei. Não é incrível?

Solto uma leve gargalhada, abano a cabeça e junto as mãos, a pedir a bola de volta.

Não há como negar que me torno diferente quando estou com a minha irmã. Passo a ser o homem que era antes da fama e da fortuna. O dinheiro nunca me subiu à cabeça, ao contrário do que se esperaria de um jovem escolhido na primeira ronda do *draft*, mas fez

de mim alguém mais cauteloso e paranoico do que a maioria imagina. A Stevie é a única pessoa em quem confio incondicionalmente, e sentir essa liberdade, não ter de vigiar cada movimento, permite-me relaxar durante alguns instantes. Ser eu mesmo.

— Então, o que se passa? — A bola atravessa o cesto após mais um lançamento certo. — O que é tão urgente que te fez vir apanhar os meus ressaltos?

A Stevie não me devolve a bola. Em vez disso, segura-a à sua frente, com os braços cruzados sobre o peito.

— Quero pedir-te um favor.

Estendo as mãos para receber a bola, mas ela recusa-se a devolver-me.

— Que favor?

— Bem, lembra-te de como mudei de casa?

— Sim, Vee. Tenho a certeza de que me lembro que agora vivo sozinho.

— No teu enorme, espetacular e vazio apartamento sempre que estás em viagem. — Os olhos dela brilham.

— E então?

— Recordas-te da minha amiga, a Indy, certo? A antiga colega de trabalho.

— A rapariga que apareceu no nosso apartamento e chorou a noite toda, e depois vomitou nos meus sapatos num bar na única outra vez que a vi? É difícil esquecer.

— Porque apanhou o namorado de longa data com outra pessoa — lembra-me ela. — Sabes, os pais dela mudaram-se para a Florida...

— Nem pensar.

— Ryan — protesta a Stevie. — Ainda não te pedi nada.

— Eu sei. E estou a impedir-te de o fazeres. Sabes que não tenho jeito nenhum para te dizer que não; portanto, nem sequer vou deixar-te perguntar. Ela não vai viver comigo.

— Ry, ela não tem para onde ir. Foi promovida no trabalho, e ver-se-á obrigada a desistir da promoção se não encontrar um sítio para viver na cidade. Sabes bem que ganhamos pouco.

— O que tu ganhas é suficiente para pagar um lugar.

— Ela... — A minha irmã hesita. — Ela está a passar por alguns problemas financeiros e não tem dinheiro suficiente para viver sozinha aqui. Chicago é cara.

— Então que arranje um amigo a quem pedinchar. Nem a conheço, só sei que foi traída e que não aguenta álcool.

— Ryan, não sejas assim. Tens um apartamento enorme e estás fora metade do tempo por causa dos jogos. A Indy viaja tanto como tu em trabalho. A época do hóquei é a mesma que a do basquetebol. Quase nem se vão ver.

— Não.

— Porquê?

— Porque uma coisa era quando tu vivias comigo. És minha irmã e a minha melhor amiga, mas não quero partilhar o apartamento com ninguém. Sabes bem como o meu tempo em casa é sagrado. Fim de conversa. — Bato palmas a pedir a bola de volta e poder terminar a série de lançamentos diários.

Mas, em vez disso, a Stevie deixa cair os ombros em sinal de frustração antes de dar meia-volta em direção à saída, levando a minha bola de basquetebol.

— Vee, o que estás a fazer? Tenho de terminar os lançamentos.

— Então apanhas os ressaltos sozinho. — Continua a caminhar sem se virar.

— Não podes estar zangada comigo por responder que não.

— Não estou zangada. Só dececionada. Será que morrias por te preocupares com alguém ou alguma coisa que não esta bola laranja?

— Preocupo-me *contigo* — lembro-lhe, mas ela passa pelas portas duplas que dão para o corredor e deixa a bola de basquetebol num canto.

Raios.

Tento não me importar com o facto de desiludir as pessoas. Os padrões delas nunca são tão altos como os que me imponho. Mas a minha irmã gémea? A opinião dela é a única que conta além da minha.

Corro atrás dela.

— Vee. — Chamo-a enquanto abro as portas para o corredor. Ela está quase a chegar à saída, mas vira-se para me enfrentar. — Explica-me

porque tenho de fazer isto. Estás assim tão zangada? Porque é tão importante para ti?

— Não tens de fazer nada, mas ela é minha amiga. A primeira amiga nesta cidade. Sabes como foi difícil fazer amigos que não tentassem só aproximar-se de ti. Ora bem, a Indy revelou-se essa amiga, e se não encontrar um sítio que consiga pagar, muda-se para a Florida a fim de morar com os pais. Não quero que ela saia de Chicago, e não sei o que fazer mais para a ajudar. O homem com quem planeava casar-se traiu-a, e foi ela quem teve de se mudar. Precisa de algo positivo.

Porque tem a minha irmã o condão de mexer com as minhas emoções? Outra pessoa poderia vir com o mesmo discurso, e eu nem pestanejaria, mas como é a Stevie, a minha determinação fraqueja, e passo a querer dar-lhe tudo o que ela quer de mim. Sou a razão pela qual senti dificuldade em fazer amigos verdadeiros, e agora está a dar-me uma oportunidade de a compensar, ainda que apenas um pouco.

— Confio nela — continua. — Também podes confiar.

Preocupo-me muito mais com a felicidade da Stevie do que com a minha. Na verdade, já desisti dessa ideia para mim, o que faz com que me escape a frase seguinte.

— Sublinho que não quero fazer isto.

— Eu sei.

— Tem de haver uma data de saída.

Os lábios da Stevie tremem ligeiramente e os seus olhos começam a brilhar.

— Quero uma espécie de contrato de arrendamento provisório, e ela vai pagar renda. Isto não é um favor.

— Claro, ela paga. Mas podes fazer um preço acessível? Não precisas propriamente do dinheiro.

Faço-lhe um favor e vem com pedidos especiais.

— É temporário. Ela não vai ficar comigo para sempre.

— Entendido. — O sorriso da Stevie é impossível de camuflar. — Já te disse que és a minha pessoa favorita no mundo inteiro?

— Pois, pois. — Viro-me de novo para o ginásio. — Vem apanhar os meus ressaltos. Ainda tenho cinquenta lances livres por fazer.



## RIGHT MOVE

— Disseste vinte e tal.

Continuo a avançar para a linha de lance livre, sem me virar.

— Ao que parece, perdi a conta enquanto a minha irmã me convencia a deixar uma desconhecida mudar-se para o meu apartamento.

O sorriso luminoso da Stevie é perceptível na voz.

— Cinquenta, então.